

ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES

O artigo a seguir foi escrito em parceria com Roberta Albino Oliveira de Paula, ex-aluna do Curso de Letras das Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos, e tem como base o seu Trabalho de Conclusão de Curso, defendido em 2012, cuja orientação esteve sob minha responsabilidade, no tempo em que fui professor daquela Instituição de Ensino.

**A REPRESENTAÇÃO DE NICE NA POESIA DE
CLÁUDIO MANUEL DA COSTA**

**André Figueiredo Rodrigues
Roberta Albino Oliveira de Paula**

Cláudio Manuel da Costa: rápidas notas biográficas

Nascido em Minas Gerais, em 5 de junho de 1729, era filho do português João Gonçalves da Costa e da paulista Tereza Ribeira de Alvarenga. Seu pai era ligado à mineração de ouro, amplamente difundida como prática econômica naquele momento.

Por volta dos 15 anos de idade, foi para o Rio de Janeiro para estudar com os jesuítas. Em 1749, embarcou para Portugal

para cursar Direito, na Universidade de Coimbra. Apesar de seguir a área jurídica, sempre foi um homem dedicado às letras e à leitura.

Ao regressar ao Brasil, no ano de 1753, instalou-se em Vila Rica, atual Ouro Preto, dedicando-se à advocacia. Como advogado, também exerceu o cargo de Procurador da Coroa, Desembargador e Secretário de Governo, entre outros.

Nunca se casou oficialmente; sabe-se que vivia com a negra Francisca Arcângela de Sousa, mãe de seus cinco filhos. Sobre ela, pouco ou praticamente nada se conhece. Também não se conhecem relatos, em sua biografia, sobre a convivência dentro de seu ambiente familiar. Alguns estudos apontam que, no ano de 1774, Cláudio Manuel da Costa terminou um de seus mais famosos poemas épicos – “Vila Rica” –, escrito em dez cantos, em versos decassílabos, que relatam os primeiros anos de Minas Gerais, ao descrever seus primeiros habitantes, flora, fauna, meio ambiente, conflitos territoriais e posse de terras e de poder nas primeiras décadas do século XVIII.

Escreveu seus poemas sob o pseudônimo árcade de Glauceste Satúrnio. Em seus sonetos, apresentou sua musa inspiradora, a amada Nice:

Ai Nice amada! se este meu tormento,
se estes meus sentidíssimos gemidos
lá no teu peito, lá nos teus ouvidos
achar pudessem brando acolhimento;
Como alegre em servir-te, como atento
Meus votos tributara agradecidos!
Por séculos de males bem sofridos
Trocara todo o meu contentamento

Mas se na incontrastável, pedra dura
De teu rigor não há correspondência,
Para os doces afetos de ternura. (COSTA, 1996)

Cláudio envolveu-se com a Inconfidência Mineira (1788-1789), que foi uma revolta “planejada pela oligarquia local e norteada pelos interesses de militares, homens de negócio, fazendeiros, mineradores e intelectuais ilustrados, que buscavam reconquistar a prosperidade econômica diminuída pelos altos impostos cobrados pela Coroa portuguesa na região” (RODRIGUES, 2007, p. 70). Em decorrência de sua participação na conspiração, em junho de 1789 foi preso e acusado de traição ao rei. Naquele mesmo mês, no dia 24, foi encontrado morto na cela em que estava detido para averiguações.

Nice na poesia de Cláudio Manuel da Costa

A mulher, na poesia de Cláudio, é representada por Nice, símbolo de amor, desejo e perfeição. Nos sonetos transmite ao leitor seus lamentos, sua entrega à amada, amarguras, emoções, desejos, lamentos e desilusões:

Nice? Nice? Onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma, que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar te desespera!
Ah se ao menos teu nome ouvir pudera
Entre esta aura suave, que respira!

Nice, cuidado, que diz; mas é mentira.
Nice, cuidei que ouvia; e tal não era.
Grutas, troncos, penhascos da espessura
Se o meu bem, se a minha alma em vós se esconde,
Mostrai, mostrai-me a sua formosura.
Nem ao menos o eco me responde!

Ah como é certa a minha desventura!
Nice? Nice? Onde estás? Aonde? Aonde? (COSTA, 1996)

Através da análise de alguns de seus sonetos é possível observar literária, física e psicologicamente a história de amor entre ambos. Em vários trechos, o poeta se entrega ao sentimento do amor, tornando-se vítima de sua amada ou desse mesmo amor. Seus dilaceramentos amorosos situam-se exatamente nessa questão: sua entrega ao amor e a não realização do desejo de ser retribuído. Ao se direcionar à amada Nice, Cláudio escreveu no soneto XLIV:

Há quem confie, Amor, na segurança
De um falsíssimo bem, com que dourando
O veneno mortal, vás enganando
Os tristes corações numa esperança!

Há quem ponha inda cego a confiança
Em teu fingido obséquio, que tomando
Lições de desengano, não vá dando
Pelo mundo certeza da mudança!

Há quem creia, que pode haver firmeza
Em peito feminino, quem advertido
Os cultos não profane da beleza!

Há inda, e há de haver, eu não duvido,
Enquanto não mudar a Natureza
Em Nice a formosura, o amor em Fido. (COSTA, 1996)

A infidelidade também é destacada pelo poeta, como uma consequência do destino que ele teria imposto a si mesmo. A sua fragilidade interna é procurada poeticamente, como, por exemplo, ao retratar imagens da dureza dos penhascos e das rochas das serras mineiras, que encontramos nas estrofes do soneto XLVII. Nos versos deste soneto, Cláudio mostra que seu amor, cada vez mais, torna-se intenso; infelizmente, seus apelos não comovem Nice:

Que inflexível se mostra, que constante
Se vê este penhasco! Já ferido
Do proceloso vento, e já batido
Do mar, que nele quebra a cada instante!

Não vi; nem hei de ver mais semelhante
Retrato dessa ingrata, a que o gemido
Jamais pode fazer, que enternecido
Seu peito atenda às queixas de um amante.

Tal és, ingrata Nice: a rebeldia,
Que vês nesse penhasco, essa dureza
Há de ceder aos golpes algum dia:

Mas que diversa é tua natureza!
Dos contínuos excessos da porfia,
Recobras novo estímulo à fereza. (COSTA, 1996)

O poeta nos situa no tempo através do passado e do presente. O futuro é praticamente ignorado. Ele recorda momentos de amor, lembrados com muita dor. Nos versos do soneto L, identificamos essas memórias de Cláudio:

Memórias do presente, e do passado
Fazem guerra cruel dentro em meu peito;
E bem que ao sofrimento ando já feito,
Mais que nunca desperta hoje o cuidado.

Que diferente, que diverso estado
É este, em que somente o triste efeito
Da pena, a que meu mal me tem sujeito,
Me acompanha entre aflito, e magoado!

Tristes lembranças! e que em vão componho
A memória da vossa sombra escura!
Que néscio em vós a ponderar me ponho!

Ide-vos; que em tão mísera loucura

Todo o passado bem tenho por sonho;
Só é certa a presente desventura. (COSTA, 1996)

Nestes versos, Cláudio Manuel da Costa traz aspectos barrocos e líricos, nos quais recorda com dor o seu sentimento, mesmo que o recupere por meio de lembranças. Assim, o que era felicidade e prazer torna-se, no presente, recordação do que se passou, mesmo que seus fatos sejam rememorados com sofrimento.

O poeta relata todas as mulheres em uma só, para sua projeção de amor, denominando sua amada como uma tirana. Assim consta em seu IX soneto:

Pouco importa, formosa Daliana,
Que fugindo de ouvir-me, o fuso tomes;
Se quanto mais me afliges, e consumes,
Tanto te adoro mais, bela serrana.
Ou já fujas do abrigo da cabana,
Ou sobre os altos montes mais te assomes,
Faremos imortais os nossos nomes,
Eu por ser firme, tu por ser tirana.

Um obséquio, que foi de amor rendido,
Bem pode ser, pastora, desprezado;
Mas nunca se verá desvanecido:
Sim, que para lisonja do cuidado,
Testemunhas serão de meu gemido
Este monte, este vale, aquele prado. (COSTA, 1996)

Cláudio projeta sua imagem na mulher, insistindo que seu amor é inseguro, enganoso e inconstante. No soneto LXXIX, traduz esse amor como a água que se esvai pelos dedos, em claro sentimento de medo:

Entre este álamo, o Lise, e essa corrente,
Que agora estão meus olhos contemplando,
Parece, que hoje o céu me vem pintando
A mágoa triste, que meu peito sente.

Firmeza a nenhum deles se consente
Ao doce respirar do vento brando;
O tronco a cada instante meneando,
A fonte nunca firme, ou permanente.

Na líquida porção, na vegetante
Cópia daquelas ramas se figura
Outro rosto, outra imagem semelhante:

Quem não sabe, que a tua formosura
Sempre móvel está, sempre inconstante,
Nunca fixa se viu, nunca segura? (COSTA, 1996)

A tristeza do poeta mantém relação com a natureza e as suas condições de amor eram sempre trazidas em sofrimento pela sua amada e ao fato de nunca tê-la possuído. No soneto LXXX, lê-se:

Quando cheios de gosto, e de alegria
Estes campos diviso florescentes,
Então me vêm as lágrimas ardentes
Com mais ânsia, mais dor, mais agonia.

Aquele mesmo objeto, que desvia
Do humano peito as mágoas inclementes,
Esse mesmo em imagens diferentes
Toda a minha tristeza desafia.

Se das flores a bela contextura
Esmalta o campo na melhor fragrância,
Para dar uma idéia da ventura;

Como, ó Céus, para os ver terei constância,
Se cada flor me lembra a formosura
Da bela causadora de minha ânsia? (COSTA, 1996)

Em seus sonetos, Cláudio procurou resgatar sua visão de vida e de mundo repletos de paradoxos. Através da personagem Nice, revelou seus mais íntimos sentimentos em relação à mulher e os seus mais puros desejos de perfeição do amor.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Melânia Silva de. A trajetória poética de Cláudio Manuel da Costa. In: COSTA, Cláudio Manuel da; GONZAGA, Tomás Antônio; PEIXOTO, Alvarenga. *A poesia dos inconfidentes*. Organização de Domício Proença Filho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 27-39.

COSTA, Cláudio Manuel da. Obras. In: COSTA, Cláudio Manuel da; GONZAGA, Tomás Antônio; PEIXOTO, Alvarenga. *A poesia dos inconfidentes*. Organização de Domício Proença Filho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 41-305.

RIBEIRO, João. Cláudio Manuel da Costa. In: COSTA, Cláudio Manuel da; GONZAGA, Tomás Antônio; PEIXOTO, Alvarenga. *A poesia dos inconfidentes*. Organização de Domício Proença Filho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 5-26.

RODRIGUES, André Figueiredo. Batinas incendiárias: a participação de membros do clero na Conjuração Mineira. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, p. 70-74, fev./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/batinas-incendiarias>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

SOUZA, Laura de Mello e. *Cláudio Manuel da Costa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

André Figueiredo Rodrigues é Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Acadêmico Efetivo da Academia Guarulhense de Letras (AGL) e Membro Titular da Comissão de História do Instituto Panamericano de Geografia e História (IPGH). Professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), câmpus de Assis. Website: www.histoecultura.com.br.